



**O BALÃO AMARELO,  
O EMARANHADO E JOÃO**

---

*produzindo territórios  
de saúde mental*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Trabalho de Conclusão de Curso

**O BALÃO AMARELO, O EMARANHADO E JOÃO:**  
*produzindo territórios de saúde mental*

---

Ana Paula Chisini Freitas

Porto Alegre  
2016



Ana Paula Chisini Freitas

---

**O BALÃO AMARELO, O EMARANHADO E JOÃO:**

*produzindo territórios de saúde mental*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia – Habilitação Psicólogo - do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referentes às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da professora Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto.

---

**Orientadora:** Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

---

**Comentador:** Luis Artur Costa

Porto Alegre

2016



## AGRADECIMENTOS

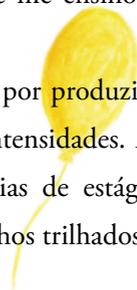
A minha mãe, Claudia, por ver em mim uma escritora, por acompanhar o processo desse trabalho de forma até exaustiva, sempre disposta a ouvir cada linha nova que eu escrevia. A minha irmã, Camila, por ser uma designer incrível e por estar disposta a construir comigo a estética das minhas escritas, no livro da quinta série e nesse trabalho. A meu pai, Alexandre, por tornar possível que esse caminho se trilhasse. A minha avó, Angela, pelo cuidado, pelo carinho e pela presença. A minha tia, Cris, por me acompanhar em viagens à lua e às estrelas.

A minha orientadora Gislei, pela sensibilidade e pela delicadeza. Por tornar esse trabalho um processo leve e atento às linhas que vão se constituindo e que nem sabemos que vamos encontrar. Por me acompanhar no percurso de aprendizagem e de crescimento, por produzir marcas de afeto e afetações em minha formação e por encontrar potência no balão amarelo.

Aos meus amigos e amigas: à Mara, à Alessandra, à Júlia, ao Luís, ao Gabriel, ao Sthefan, à Letícia e ao João, pelos encontros e pelos caminhos compartilhados que dão sentido à vida. Ao Matheus, pelo apoio, companheirismo e amor.

Ao Mestre que encontrei no IPF e que me ensinou novas maneiras de ver o mundo. À vida e à esperança.

Aos colegas e professores da psicologia, por produzirem em mim marcas em suas diferentes tonalidades e intensidades. A todos aqueles que compartilharam comigo experiências de estágio e de formação e que me acompanharam nesses caminhos trilhados.



## RESUMO

Esse trabalho-emaranhado traça linhas de problematizações, afetações e desterritorializações produzidas no encontro da experiência em saúde mental com a formação em psicologia. A partir de uma escrita ensaística e ficcional, apresenta narrativas que atualizam as vivências nos muros do manicômio e nos muros reatualizados das práticas em saúde atual. Com o balão amarelo, busca possibilidades de produção de territórios de saúde mental, transversalizados, compartilhados e sustentados por uma luta antimanicomial sempre em construção.

**Palavras-chave:** saúde mental, formação, balão amarelo, território, luta antimanicomial.



## SUMÁRIO

<b>Saúde Mental na Atenção Básica:</b> _____	<b>08</b>
<i>construindo uma narrativa de problematizações</i>	
<b>Cartografar com João</b> _____	<b>22</b>
<b>Emaranhado, emaranhando-se</b> _____	<b>32</b>
[parada número um]	
[parada número dois]	
[parada número três]	
<b>O balão amarelo</b> _____	<b>39</b>
[parada número quatro]	
<b>Das linhas que insistem:</b> _____	<b>44</b>
<i>as durezas e as fugas</i>	
[parada número cinco]	
[parada número seis] _____	<b>55</b>
[parada número sete]	
[parada número oito] _____	<b>58</b>
<b>Ritornelos</b> _____	<b>65</b>
<i>(ou pequenos retornos)</i>	
<b>Referências bibliográficas</b> _____	<b>67</b>



TUDO QUE  
NÃO INVENTO  
É FALSO

---

**Manoel de Barros**

Capítulo 1

---

**SAÚDE MENTAL NA  
ATENÇÃO BÁSICA:**  
*construindo uma narrativa  
de problematizações*

quando chega no posto o usuário negro, sem dentes,  
dependente químico e sujo, ninguém atende  
se eu não tô ninguém atende  
mandam esperar eu chegar

a equipe não quer saber de saúde mental  
eu sou a chata  
que sempre quer discutir isso em reunião

alguns acham que só medicar basta  
que não tem solução  
que não tem o que fazer

na verdade tem muito o que a gente pode fazer  
antes de encaminhar



Encontrei essas vozes no Coletivo de Saúde Integral (também chamado de Coletivo de Saúde Mental)<sup>1</sup>, um espaço que promove a discussão sobre saúde mental na atenção básica, proposto pelo GT de Monitoramento em Saúde Mental de uma região do município de Porto Alegre. No coletivo, reúnem-se trabalhadores(as) dos serviços da atenção básica, além dos(as) trabalhadores(as) que compõem o GT e que ocupam a posição de coordenação dos encontros. Nesse espaço, promove-se a discussão de uma saúde atenta às complexidades dos sujeitos, para além da fragmentação em especialidades, pautado pela concepção de saúde integral<sup>2</sup> e focado nas questões relativas à saúde mental. O Coletivo funciona como um espaço de trocas de experiências, de saberes e de angústias. Envolve desde a possibilidade da criação de oficinas terapêuticas coordenadas pelos(as) trabalhadores(as) das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e das Equipes de Saúde da Família (ESF) em suas próprias unidades, até a discussão de situações e de conceitos pertinentes. Trata-se, nesse sentido, de um espaço de educação permanente, mas também de apoio e de promoção de saúde do trabalhador.

---

<sup>1</sup> O Coletivo de Saúde Integral compõe as atividades do meu estágio de ênfase em Psicologia Social e Políticas Públicas, no ano de 2016, na Equipe de Saúde Mental de uma região do município de Porto Alegre. A forma como o Coletivo é nomeado será abordada posteriormente.

<sup>2</sup> “A integralidade enuncia, então, características do sistema de saúde de modo a contemplar de valores que primam por transformações sociais (MATTOS, 2001). Nas práticas de cuidado, associa-se à superação do olhar centrado na doença. Pode-se tomar como exemplo o atendimento no qual o profissional, além de tentar reduzir o sofrimento manifesto pelo usuário, interessa-se por seu contexto de vida (MERHY, 2005)” (Bedin & Scarparo, 2011, p. 198).

Percebo, acompanhando as reuniões do Coletivo, dois movimentos importantes em seus encontros. O primeiro se refere a uma percepção inicial que tive com relação às oficinas terapêuticas: nos discursos, pareciam estar referenciadas à ideia de uma ação em saúde mental na atenção básica como se fossem a única possível. Além disso, pareciam atravessadas por uma referência de “como fazer” a partir da especialidade. Esse movimento tomou forma, para mim, como uma força de instrumentalização, na lógica da instrução. Isso também se manifestava, em alguns momentos, na presença da exposição do “modo correto” de pensar e intervir sobre determinado assunto. Nos primeiros encontros, sentia falta de uma problematização que potencializasse a transversalização da saúde mental nos modos de trabalhar na atenção básica, no cotidiano dos serviços – utilizando isso como um meio para pensar as possibilidades de intervenção por meio das oficinas e para além delas.

A partir da continuidade do acompanhamento dos encontros, pude ver outro movimento se constituindo e tomando forma, ao mesmo tempo que o primeiro ainda insistia em alguns momentos. Esse segundo movimento produz uma brecha na instrumentalização e promove a constituição de um espaço de trocas e de construção de possibilidades – constituindo-se como um dispositivo importante para interrogar e fazer circular o saber da saúde mental, bem como produzir novos saberes e possibilidades de intervenção para além do serviço especializado. Também sustenta uma escuta que promove a

saúde do trabalhador, uma vez que acolhe as angústias dos(as) profissionais relacionadas às questões de trabalho cotidianas. Esses dois movimentos (e muitos outros que existem) não se excluem: coexistem, agenciam-se e produzem uma tensão que coloca em jogo o Coletivo, a proposta do espaço, a coordenação, os efeitos disso na prática dos(as) trabalhadores(as), etc.

é muito bonito tudo isso no papel  
é muito bonito discutir isso aqui  
mas na prática não vai funcionar  
não temos tempo  
não temos pernas

Essa é uma fala que se repete nos encontros, mas que apareceu dessa forma no dia em que discutimos as diretrizes da Rede de Atenção Psicossocial<sup>3</sup>, atualmente em construção. Para os(as) trabalhadores(as)

---

<sup>3</sup> A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) foi instituída com a portaria GM/MS nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, com o objetivo de promover a “criação, ampliação e articulação de pontos de atenção à saúde para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do SUS” (2011). São componentes da rede a Atenção Básica (unidades básicas de saúde, núcleo de apoio à saúde da família, consultório de rua, etc.), a Atenção Psicossocial Especializada (centros de atenção psicossocial), a Atenção de Urgência e Emergência (SAMU, UPA 24h, etc.), a Atenção Residencial de Caráter Transitório (serviço de atenção em regime residencial, etc.), a Atenção Hospitalar (enfermaria especializada em hospital geral, serviço hospitalar de referência), as Estratégias de Desinstitucionalização (residenciais terapêuticos, programa de Volta para Casa) e as Estratégias de Reabilitação Psicossocial (geração de trabalho e renda, empreendimentos solidários e cooperativas sociais).

da atenção básica, essas diretrizes não seriam tão facilmente aplicadas na prática. Uma das grandes questões que se tornam um impedimento é a falta de interesse dos outros profissionais das equipes quando se trata de uma discussão de saúde mais ampla, que dê espaço para as questões de saúde mental, assim como a falta de tempo. Entende-se que o tempo de atendimento e de acolhimento não produz condições de possibilidades para que, na prática, o sujeito seja acolhido para além da queixa corporal, do procedimento, da doença. Nesse sentido, apenas alguns profissionais sentem a necessidade de criar estratégias para que esse tempo não se torne paralisante ou alienante de maneira que impeça que a noção de saúde integral esteja operando na prática. Tensiona-se, assim, a importância da produção de brechas na lógica hegemônica de saúde, na qual a cura, o diagnóstico e a doença se tornam prioridade, antes da promoção de saúde e do olhar atento às complexidades da vida dos sujeitos. Destaca-se a importância de intervenções que são construídas caso a caso, da escuta sensível e implicada nos acolhimentos e atendimentos – ações já feitas pelos(as) trabalhadores(as), mas que passam a ser construídas e contaminadas pelas discussões sobre saúde mental<sup>4</sup> e saúde integral. Por vezes, isso é

---

<sup>4</sup> “As intervenções em saúde mental devem promover novas possibilidades de modificar e qualificar as condições e modos de vida, orientando-se pela produção de vida e de saúde e não se restringindo à cura de doenças. Isso significa acreditar que a vida pode ter várias formas de ser percebida, experimentada e vivida. Para tanto, é necessário olhar o sujeito em suas múltiplas dimensões, com seus desejos, ansios, valores e escolhas. Na Atenção Básica, o desenvolvimento de intervenções em saúde mental é construído no cotidiano dos encontros entre profissionais

dificultado em função da posição de parte da equipe que não se disponibiliza para construir em conjunto, tornando-se um peso para o(a) trabalhador(a) que busca sustentar isso sem suporte compartilhado.

Um exemplo disso é a Maria de Fátima, que sempre vai ao posto alcoolizada. É sempre a outra Maria, a de Lourdes<sup>5</sup>, que a acolhe. Virou até motivo de piada na equipe, a Maria agente de saúde não consegue se negar a acolher a Maria bêbada, que vem para o posto criar confusão. Quer ser atendida na hora que bem entende, fica brava se não acolhem suas demandas, torna-se agressiva. Os médicos sempre dizem que a Maria deixa a Maria mal-acostumada quando a acolhe - acham que é necessário, primeiramente, impor limites. Maria, por sua vez, entende que com Maria é preciso um jogo de cintura enorme, desses que tem que ser inventados e que não se tornam parâmetro para lidar com mais ninguém. Cada um tem um jogo de cintura diferente: criou a fôrma, tem que colocar fora, não dá para reaproveitar. Com Maria se joga, se impõe limite, mas não os mesmos limites dos médicos. Há quem diga que só Maria de Lourdes tem jeito com Maria de Fátima, mas Maria de Fátima também tem jeito com Maria de Lourdes. Entre elas se criou um vínculo que, apesar de todas as dificuldades, sustenta o acolhimento e os limites. Maria de Lourdes diz

---

e usuários, em que ambos criam novas ferramentas e estratégias para compartilhar e construir juntos o cuidado em saúde” (Brasil, 2013, p.23)

<sup>5</sup> Nomes fictícios.

que é preciso encontrar tempo para pensar, respirar e pensar de novo, entendendo assim que cada usuário tem sua circulação na cidade, suas particularidades. Não foi fácil para ela conseguir encontrar brechas nesse caso. Na verdade, foi com muita paciência, disponibilidade e energia que as duas Marias construíram possibilidades de ação.

Surgem, aqui, questões importantes sobre os modos de trabalhar na atenção básica, relativas ao acolhimento, às estratégias de intervenção construídas caso a caso, à escuta, ao respeito às particularidades dos(as) usuários(as), à produção de espaços e de práticas em que a complexidade de vida dos sujeitos faça questão para a discussão de saúde como um todo, sem transferir o cuidado para um serviço especializado ao primeiro choro testemunhado.

A discussão em torno da saúde mental com outros serviços quase sempre esbarra no muro do encaminhamento: o matriciamento, dispositivo importante de circulação de saberes e construção de intervenções entre serviços, é bastante problematizado por ter, às vezes, caráter somente encaminhativo. Faz-se necessário uma responsabilização dos serviços: encaminhar com responsabilidade e com continuidade do cuidado – e não encaminhar sem retorno, como se cada serviço fosse responsável por somente uma parte daquele sujeito. Essa lógica aparece no matriciamento, mas também se mostra presente nas equipes de atenção básica, nos modos de funcionamento que se constituem no seu interior. Para além da oficina enquanto ação materializada de saúde mental, a circulação dessa discussão nas equipes

esbarra na ideia de que isso, a grosso modo, não faz parte da saúde – e, portanto, não deve estar (ou não está) presente nas ações realizadas pelos(as) trabalhadores(as).

Aqui, compreendo que o encaminhamento atrelado a uma lógica de não responsabilização e de transferência do cuidado, quando se trata da saúde mental, se constitui como um atravessamento manicomial atualizado na prática em saúde atual, uma vez que reproduz a lógica de segregação, de exclusão de usuários(as). Encaminhar, assim, significa transferir responsabilidades e, no caso da saúde mental, produzir uma centralização dessas questões em apenas um espaço – como se isso dissesse respeito somente àquele serviço e não a toda circulação do(a) usuário(a) pelo território. Da mesma forma, encarar questões de saúde mental como não fazendo parte da saúde também reproduz uma lógica de estigma da loucura, uma vez que continua colocando certas manifestações de sofrimento psíquico como coisas não ditas, não discutidas, não sabidas, não escutadas (o que envolve também discriminações racistas, de gênero, etc). Além disso, as práticas que têm como objetivo mais a tutelação, decidindo pelo outro, transformando o serviço naquele que sabe mais da vida do sujeito que ele mesmo, também podem se constituir como práticas manicomiais, uma vez que produzem novas maneiras de enclausuramento.

Considerando esses atravessamentos no cuidado em saúde, o Coletivo é um dispositivo importante para promover, justamente, a presença da discussão da luta antimanicomial e a reflexão sobre as

atualizações dessas lógicas no trabalho, bem como para acolher as angústias dos(as) trabalhadores(as) que se veem, muitas vezes, solitários(as) nesse percurso de construção de uma saúde integral que também pensa a saúde mental. Venho testemunhando, nesse espaço, a possibilidade de discutir, desabafar e construir possibilidades de ação no encontro, no contato com o outro, no embate de opiniões, no desabafo de situações, na busca por ajuda, no compartilhamento de ideias e de propostas. O Coletivo, nesse sentido, possibilita a criação de um território onde se produzem sentidos para as diretrizes concretas de um cuidado em saúde atento à singularidade dos(as) usuários(as), a partir da experiência, do cotidiano, do fazer que se atualiza naquele espaço. Constitui-se como um espaço de circulação onde é possível constituir um *exercício* de saúde mental, ao mesmo tempo que se apresenta também como espaço de referência do que é e como se faz saúde mental, de instrumentalização – movimentações que colocam em jogo o saber especializado. Esse exercício é construído sempre em relação e está em constante embate de forças, o que possibilita que essa discussão circule também para além de uma especialidade, transversalizando as problematizações como uma questão de saúde.

Considerando que o espaço é atravessado e sustentado pela concepção de integralidade no cuidado em saúde, produz-se um tensionamento no foco direcionado à saúde mental, no sentido de que coloca em disputa a nomeação daquilo que se discute - é saúde integral ou saúde mental? Quando a coordenação explica o espaço,

propõe a discussão de uma saúde integral atrelada à saúde mental, que, por sua vez, não é apresentada como uma especialidade – ainda que o Coletivo seja marcado pela discussão específica em saúde mental, uma vez que tem como proposta fundamental discutir questões, possibilidades de ações, diretrizes, projetos e tensionamentos políticos relacionados a esse campo. O próprio nome do espaço denuncia esse jogo: é Coletivo de Saúde Integral, mas também é chamado de Coletivo de Saúde Mental. Nesse ponto, evidencia-se a escolha de marcar a discussão a partir de um determinado recorte, ao mesmo tempo em que a saúde integral insiste, numa perspectiva de deslocamento da especialidade.

A partir disso, surgem alguns questionamentos: a discussão sobre saúde mental possibilita que ela se dissipe em práticas não especializadas? Falar de sentimentos, emoções e histórias de vida ou considerá-los nos atendimentos em saúde é somente uma prática de saúde mental? Ou é mais um aspecto da vida e da saúde? A discussão sobre saúde mental reafirma práticas especializadas quando as nomeia como saúde mental? Ou marca a importância dessa problematização para tornar possível que ela se faça presente no cotidiano do trabalho em saúde? E também: discutir saúde mental serve para aplicá-la de uma maneira pré-determinada? A saúde mental é uma só?

será que saúde mental

é

só coordenar oficina

ou

produzir outras práticas de cuidado no cotidiano?

será que saúde mental

é

dizer o que é saúde mental

ou

construir no território uma saúde mental?

será que saúde mental

é

saúde

ou

mental?<sup>6</sup>



---

<sup>6</sup> “Saúde Mental, portanto, não será abordada em contraposição à saúde física ou biológica – conforme o velho e equivocado dualismo corpo/mente – mas como sofrimento de pessoas (...). Compreendemos (...) que o sofrimento psíquico não é reservado àqueles que receberam algum diagnóstico específico, mas sim algo presente na vida de todos, que adquirirá manifestações particulares a cada um, e nenhum cuidado será possível se não procurarmos entender como se dão as causas do sofrimento em cada situação e para cada pessoa, singularmente” (Brasil, 2013, pp.14-15).

A partir dessas questões (e de muitas outras) são produzidas as linhas que iniciam e insitem nesse trabalho. Elas não se constituem sozinhas, mas vem sendo trilhadas a partir dos percursos de estágio, disciplinas, vivências que experimentei durante a graduação. Traçar linhas de afetação e questionamentos pelo Instituto Psiquiátrico Forense (IPF), por um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS Centro) e por uma Equipe de Saúde Mental Adulto (ESMA), além de outros espaços da universidade e fora dela, vem produzindo possibilidades de abertura para uma prática cada vez mais atenta às lógicas manicomiais que atravessam as práticas em saúde. Aqui insitem as linhas de transversalização que compõem o território e que demandam a construção de ações que se desloquem da especialidade, que potencializem um cuidado integral em saúde atento à luta antimanicomial<sup>7</sup>. Assim, não se trata de produzir novas formas de cuidado, em liberdade, materializadas nos serviços especializados e parar por aí, mas potencializar que a comunidade, a cultura, a saúde, outros setores e a própria saúde

---

<sup>7</sup> “Algumas dessas questões, como mostra a Reforma Psiquiátrica, referem-se à busca pela garantia do direito à vida em liberdade, ao trabalho, ao respeito e a quantas mais sejam as necessidades de qualquer cidadão. Necessidades negadas por séculos às pessoas em sofrimento psíquico grave. Então, assim como se devem considerar as necessidades dos usuários de saúde mental como as de qualquer outro cidadão, deve-se, ao mesmo tempo, distingui-lo não por uma doença, mas por seus modos diferentes de ser que lhe acarretaram, por séculos, a negação de muitos direitos básicos. Por isso, o esforço de primar pela realização de práticas de integralidade, para que se passe a considerar as necessidades de cada um conforme suas especificidades, apagando os estigmas e preconceitos que se desenvolvem em torno das diferenças” (Bedin & Scarparo, 2011, p. 203).

mental possam repensar constantemente quais liberdades estamos construindo para e com a loucura, reatualizadas a cada discussão e pautadas nos direitos humanos e na luta antimanicomial.

A partir de uma escrita ensaística, de narrativas, poesias, contos e ficções – escrita que vem me acompanhando e fazendo questão ao longo da graduação e da vida - traço as linhas desse trabalho, que reatualizam a discussão em saúde mental e as afetações produzidas pelas experiências de formação.



Capítulo 2

---

# **CARTOGRAFAR COM JOÃO**

Quando João era criança, não cansava de brincar de caça ao tesouro. Sempre pedia para sua mãe esconder algum objeto na casa ou no pátio, para construir um plano, navegar pelos cômodos, desafiar monstros e encontrar o  $x$  do mapa<sup>8</sup>. Tinha vários mapas, de tantos tesouros escondidos. Sempre encontrava obstáculos pelo caminho: sofás-crocodilos, cadeiras-tigres, ventiladores-urubus. Nunca desistia da luta, tinha sempre uma nova estratégia ou uma nova ferramenta para vencê-la, bastava imaginar.

Cada vez que João encontrava um tesouro, descobria um canto novo da casa, porque inventava uma casa nova. Toda busca ao tesouro carregava um tanto do desconhecido. Sua mãe, às vezes, incomodava-se – lá vou eu, de novo, colocar um pacote de bolacha no mesmo lugar em que eu coloquei semana passada. Para João, nunca era o mesmo lugar, porque nunca era o mesmo caminho percorrido para se chegar até o  $x$ . Cada busca tinha sofás-bichos diferentes, e cada pacote de bolacha tinha gostos diferentes. Estava aí a graça, encontrar em cada caminho um caminho novo, cheio de coisas a conhecer.

Escrever é como brincar de caça ao tesouro com João: não se trata do chegar ao fim, mas de construir caminhos. O que se coloca

---

<sup>8</sup> “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (Deleuze & Guatarri, 1995, p. 30).

em jogo é a busca do desconhecido, que se apresenta no processo de escrita. O  $x$  do mapa não é o final, pois, se há um final, ele já não é mais um  $x$  à espreita de um achado – já se transformou em outros símbolos e sentidos. O processo de escrita é feito de vários achados, inventados, construídos, em busca daquilo que produz possibilidades de composição, transformando o  $x$ , o caminho, o próprio mapa e os desconhecidos. Escrever é potência de invenção, como a de João, que cria estratégias e ferramentas para além da realidade dos móveis concretos. A realidade é a experiência dos móveis-bichos, que se atualiza a cada caminho inventado.

Saramago (1998), n’O Conto da Ilha Desconhecida, conta a história de um homem que pede ao rei um navio para ir em busca de uma ilha desconhecida, simplesmente porque é impossível que não haja uma. O homem diz: “é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós” (Saramago, 1998, p. 41). Escrever é sair de nós, entrar em nós, criar nós e desatar nós. É criar caminhos para sair de nossas ilhas e conhecer as desconhecidas – essas que existem porque não se sabe. É se deixar guiar pelo inusitado, pelo não-saber e descobrir quem somos na ilha desconhecida, quem nos transformamos no processo de encontrá-las. É fazer das ilhas desconhecidas possibilidades de se desfazer um pouco mais. É encontrar as ilhas, torná-las conhecidas e continuar desconhecendo outras. É não acreditar em mapas completos, para não se esquecer de inventar. É desafiar sofás-crocodilos e ventiladores-urubus, para depois transformá-los em outros sofás e ventiladores.

O processo de criação de caminhos por meio da escrita é explorado por Bondía (2004) a partir do conceito de ensaio, usado por Michel Foucault para nomear seu trabalho na introdução do segundo volume de História da Sexualidade. Foucault (2003) destaca que:

O 'ensaio' – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma 'ascese', um exercício de si, no pensamento. (p. 13)

Bondía (2004) explora esse conceito a partir de uma operação que pode ser compreendida como uma linguagem da experiência, que modula de uma maneira particular a relação entre experiência e pensamento, subjetividade e pluralidade. Ensaiar, nesse sentido, está relacionado à operação de um modo experimental do pensamento, de uma escrita que se pretende pensante e pensativa e de uma forma de vida que não renuncie a uma constante reflexão sobre si mesma (Bondía, 2004).

O autor destaca quatro operações importantes para o exercício do ensaio: ensaiar no presente, produzindo um presente como experiência e não como realidade; ensaiar em primeira pessoa, produzindo o ensaio enquanto expressão de uma subjetividade que ensaia a si mesma e se transforma; ensaiar a distância, produzindo um exer-

cício de liberdade da experimentação que se coloca a partir de uma distância; e, por fim, ensaiar escrevendo, produzindo uma transformação em problema da relação entre escrita e pensamento, pensando e escrevendo de outros modos.

Nesse sentido, Bondía (2004) destaca que a produção de uma experiência da verdade de uma certa relação com o mundo e com a experiência não se trata da realidade, mas da relação entre cada um e sua escrita, seu pensamento e sua vida – uma relação não de domínio ou apropriação, mas de compromisso e transformação. Não se tratando da realidade como algo verídico e factual, mas da produção de experiências da verdade, a própria figura do autor, como sugere Foucault, é destituído de sua soberania e é desmascarado como ficção, como efeito da linguagem – se dessujeitando de si com relação às políticas da verdade (Bondía, 2004). Tornando, assim, verdadeiro:

aquilo que não deixa de destituir aquele que fala e de questionar seu próprio discurso, aquilo que não deixa de destituir aquele que pensa e de questionar seu próprio pensamento, aquilo que não deixa de destituir aquele que vive e de questionar a sua própria vida, sua própria existência (Bondía, 2004, p. 37)

Assim como brincar para João é construir novas maneiras de conhecer e habitar sua casa, ensaiar é produzir possibilidades, isto é, “olhar a existência a partir dos possíveis, ensaiar novas possibilidades

de vida” (Bondía, 2004, p. 37). Esse exercício do ensaio coloca em questão a invenção como uma maneira de se relacionar com o mundo, experimentando. Kastrup (2012), sobre o verbete “inventar”, diz que a invenção envolve sobretudo a invenção de problemas, ou seja, a experiência de problematizar. “A invenção implica uma duração, um trabalho com restos, uma preparação que ocorre no avesso do plano das formas visíveis” (Kastrup, 2012, p. 141).

A invenção é uma importante ferramenta política de conhecimento: “conhecer é inventar a si e o mundo” (Kastrup, 2012, p. 143). Assim, inventar é produzir novas maneiras de habitar o mundo, a partir da experimentação. João inventa um bicho nos móveis de casa, habita um devir descobridor que o coloca em aventuras de descobertas - não descobertas de desconhecidos a serem revelados, mas de possíveis a serem inventados, construídos, produzidos, ficcionados. Conhecer é inventar pois é percorrer um caminho pelas possibilidades decorrentes do não-saber. Foucault (2003), nesse sentido, questiona: “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não (...) o descaminho daquele que conhece?” (p. 13)

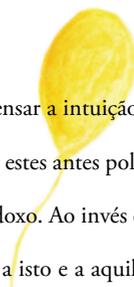
Nesse descaminho, a ficção se apresenta como ferramenta potente de escrita, pois envolve uma reinvenção – não se trata de representar as coisas como são, mas construir novas possibilidades de existências. Nesse sentido, para Costa (2014):

Reinventando nossa realidade independente dos estados de coisas referentes, podemos torna-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação. A ficção fia mundos onde a confiança ultrapassa a fidedignidade sem perder realidade (p. 553).

Escapando de uma neutralidade e objetividade na relação com o mundo, ficcionar faz emergir os afetos, as sensações, as miudezas das experiências. A suposta realidade enquanto verdade transforma-se em possibilidades: variadas verdades que estão para além do verdadeiro e do falso – “o virtual e não apenas o atual, o consistente e não apenas o coerente, o que efetua relações no mundo e não apenas o objeto dado” (Costa, 2014, p. 555). Trata-se de complexificar as tramas que envolvem as coisas do mundo, ou seja, dar densidade às suas virtualidades, que não se limitam as suas representações (Costa, 2014). Nesse sentido,

Desvencilhar-se dos preceitos da escrita que buscam a neutralidade-objetividade e tomar a poética como estratégia, é assumir a materialidade da palavra, a concretude ativa da experiência da escrita e permitir que as sutis virtualidades das preensões contagiem a escrita, sem as pretensões cartesianas de negar às aparências em prol de essências pressupostas (Costa, 2014, p. 558).

Não se trata de representar o que seria uma realidade dos fatos, mas de produzir realidades, na multiplicação das possibilidades de relações. Ficcinar é, nesse sentido, cartografar a escrita. É um processo que afirma uma política da narratividade enquanto uma posição, em relação ao mundo e a si mesmo, de uma forma de expressão do que acontece (Passos & Barros, 2015). Os acontecimentos, tais quais as batalhas que João tem com os sofás-bichos que encontra em seu caminho, são o território onde se acompanha a expressividade das invenções de possíveis: deslocando maneiras de existir e de habitar.



Planejar o acaso experimental, ficcionar o fato, pensar a intuição e atentar ao inconsciente: na cartografia integramos estes antes polos opostos em uma afirmação de mundo como paradoxo. Ao invés de se encontrar com a verdade, trata-se de dizer sim a isto e a aquilo, de afirmar uma verdade no encontro com o mundo (Costa, Angeli & Fonseca, 2012, p. 47).

Para Deleuze, “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (1997, p. 11 como citado em Zanella, 2012, p. 90). Devir descobridor, como João em seus mapas que não descobrem o tesouro, mas caminhos inventivos. Descobrir, aqui e para João, não é revelar o tesouro como poderia se esperar,

mas estar aberto a esses descaminhos desconhecidos que possibilitam imaginar realidades. Nesse sentido, “o real, seu meio específico e seus objetos estão em processo ininterrupto de modificação e produção de si nos devires, tempos e movimentos” (Dias, 2012, p. 127). Escrever é ficcionar devires transformadores que permitem inventar multiplicidades de relação para além daquilo que é dado, produzir outros sentidos para as palavras e para as coisas, em relação – “múltiplos sentidos a seguirem caminhos inesperados” (Zanella, 2012, p. 90). Escrever é experienciar descobertas que não são feitas de descobrimentos revelados, mas inventados. É experienciar caças ao tesouro que não são feitas de objetos a serem revelados e caminhos a serem seguidos, mas processos de imaginação e de transformação.

Da mesma maneira, o caminho que aqui percorremos, com aquilo que insiste da experiência em saúde mental, não pretende desvelar verdades cristalizadas acerca das práticas nesse contexto. Com João, percorreremos caminhos de verdades inventadas em relação, ou seja, territórios de experiência atualizados por uma escrita ficcionada, produzida em meio a inquietações e estranhamentos que, na insistência da duração do tempo das experiências, transformam-se aqui em analisadores da política pública com o percurso da formação em psicologia.

Nesse sentido, o tempo é o tempo presente, aquele das coisas que vivemos agora, e o tempo presença, aquele das coisas que convocam. A duração é aquilo que convoca algo, que pede movimento, que se atualiza em formas que se constituem no processo de

um presente que transforma. A duração “aponta o caráter temporal do real – incluídos aí a subjetividade e o mundo - sublinhando sua dimensão criadora” (Kastrup, 2012, p. 245). Aqui, percorremos um processo de *transFormação* que agencia a formação em psicologia e a saúde mental – produzindo sentidos para a experiência, para a produção de conhecimento e para as práticas antimanicomiais.



Capítulo 3

---

**EMARANHADO,  
EMARANHANDO-SE**

[poema-pintura-experimentação sobre uma visita ao Iberê Camargo  
na disciplina de Práticas Analítico-Institucionais; abril de 2016]

E se a gente  
atravessasse essa rua juntos  
(essa rua onde pessoas não se abrem)

E se a gente  
sentasse nesse chão  
(esse chão limpo e feito  
para pés divagarem)

E se os gente

pudessem  
acessar  
esse  
espaço

E se a gente  
sentasse em outro chão

E se a gente  
soubesse disso que é sensibilidade

E se a gente  
fizesse parte dessa paisagem  
(essa paisagem interior que nos  
atormenta)

E se a gente  
Andasse  
para o passado  
(esse passado que aqui  
se encontra)

E se a gente  
pudesse ser inerte

E se a gente  
pudesse se aproximar

E se a gente  
conseguisse dar conta de  
todas as formas

E se a gente  
se encontrasse na coexistência dos tempos  
(nesses tempos de experimentação)

E se a gente  
narrasse a vida das obras  
(essa vida que também  
nos narra)

E se a gente  
inaugurasse um outro tempo  
o tempo das idiotias?

Quando a gente inaugurou esse tempo  
o tempo também nos inaugurou

QUALQUER PONTO É UM  
PONTO DO POSSÍVEL

E se a gente  
Atravessasse essa rua juntos  
(essa rua onde pessoas  
não se atrevem)

E se a gente  
Sentasse nesse chão  
(esse chão limpo e feito  
para pés divagarem)

E se as gentes  
Pudessem acessar esse espaço

E se a gente  
Sentasse em outro chão

E se a gente  
Soubesse dizer o que é  
sensibilidade

E se a gente  
Fizesse parte dessa paisagem  
(essa paisagem interior  
que nos atormenta)

E se a gente  
Andasse para o passado  
(esse passado que  
qui se encontra)

E se a gente  
Pudesse ser inerte

E se a gente  
Pudesse se prostrar

E se a gente  
Conseguisse dar conta  
de todas as formas

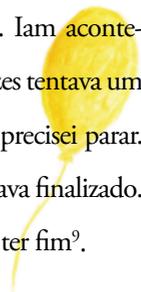
E se a gente  
Se encontrasse na  
coexistência dos tempos  
(nesses tempos de  
experimentação)

E se a gente  
Narrasse a vida das obras  
(essa vida que  
também nos narra)

E se a gente  
Inaugurasse um outro tempo  
O tempo das idiotas?

Quando a gente  
inaugurou esse tempo  
O tempo também  
nos inaugurou

Quando tentei pintar um rizoma, me perdi num emaranhado. Não sabia muito bem o que fazer com a tinta, então pintei o emaranhado. Construí um ninho colorido que aos poucos foi perdendo a cor e a estética que eu tentava encontrar – me dava a sensação de que tinha petrificado. Deixei o ninho de lado e pintei outro emaranhado, pingando gotas de aquarela e as alimentando com água e sopros. As gotas iam para tudo que é lado, mais fortes para um, mais confusas para outro. Troquei a cor, soprei outra gota. Cada cor, no contato com a outra, e a outra, e a outra, ia produzindo outra cor ou se apagando um pouco ou apagando a outra. iam acontecendo efeitos no contato das gotas, com meu sopro, que às vezes tentava um caminho e encontrava outro. Perdi o fôlego algumas vezes e precisei parar. Lembrei do ritornelo e das paradas. Quando finalizei, não estava finalizado. Cada ponto era um ponto do possível, então não teria como ter fim<sup>9</sup>.



**[parada número um]** *As formas desse emaranhado se produziram em outro tempo, o tempo de uma disciplina, e se fazem presentes aqui. O tempo de produzir esse emaranhado foi o tempo do ritornelo, um tempo de parada de pintar, soprar, respirar, escrever. As formas do ritornelo também se produziram em outro tempo, o tempo de uma disciplina, e se fazem presentes aqui. As disciplinas se destituíram das formas instituídas do tempo de aprendizagem e se agenciaram nesse novo emaranhado, numa duração daquilo que insiste em fazer questão, aqui.*

---

<sup>9</sup> “Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze & Guatarri, 1995, p.22)

**[parada número dois]** *“O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma 'pose' (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em-casa. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro” (Deleuze & Guatarri, 1997, p. 117).*

Quando escrevi o processo de pintar o rizoma, percebi que o tempo daquilo que eu vivi não é passado, mas alongado. Quando finalizei o estágio, não finalizei. O tempo da experiência faz efeito e reverbera em outros tempos. Um dia estive trabalhando entre muros muito bem demarcados: tinha que apresentar papel com justificativa e horário do retorno com carimbo para sair. Outro dia estive trabalhando noutro espaço que se supõe sem muros. Não é à toa que ali tentei elaborar o emaranhado daquilo que escapa ao suposto, daquilo que escapa à concretude da lei, já que eu ainda carrego o tempo dos muros demarcados. Estive trabalhando nesse espaço que se supõe sem muros, mas reproduz e produz. Só porque não precisávamos mais justificar saída e apresentar horário de retorno com carimbo para o guarda, não quer dizer que não tem muro, só quer dizer que não tem carimbo – ou, ao menos, não um com o mesmo tom de tinta.

Quando pensei em escrever sobre os muros que se encontram pela cidade, lembrei das cores que no contato se apagavam, se

transformavam, se sobressaíam ou faziam algo que desconheço. É um plano de forças que coloca em jogo, pelo contágio, as multiplicidades de cores e seus encontros. Quando penso no conceito de instituição, me dou conta de que o manicômio é um estabelecimento e que as forças que operam a lógica manicomial estão colocadas nele e para além dele. Como as cores, as forças vão compondo novas combinações e embates. A lei da Reforma Psiquiátrica<sup>10</sup> busca oferecer um

---

<sup>10</sup> A discussão da Reforma Psiquiátrica surgiu, no Brasil, no contexto de luta ampla pela redemocratização do país, do combate ao Estado autoritário, na segunda metade da década de 1970. Nesse período, emergem denúncias relativas ao abandono, aos maus-tratos e às violências submetidas às pessoas internadas nos hospícios do país, bem como críticas à ineficiência da assistência pública e ao caráter privatista da política de saúde (Tenório, 2002). Nesse momento ainda não se criticava os pressupostos do asilo e da psiquiatria, mas os excessos e desvios das práticas. O movimento da reforma sanitária, que se constituiu com o objetivo de reformular o sistema nacional de saúde, produziu algumas alternativas de cuidado, tais como a racionalização, a moralização e a humanização dos hospícios e a criação de ambulatórios – propostas que permaneciam no âmbito de aperfeiçoamento dos dispositivos tradicionais (Tenório, 2002). Todavia, somente com o amadurecimento das críticas a esses modelos que se tornou possível, na década de 80, o acontecimento de três processos importantes para a consolidação da reforma, para Tenório (2002): “a ampliação dos atores sociais envolvidos no processo, a iniciativa de reformulação legislativa e o surgimento de experiências institucionais bem-sucedidas na arquitetura de um novo tipo de cuidados em saúde mental” (p. 34). É na I Conferência Nacional de Saúde mental que se consolida o início de uma trajetória de “desconstruir no cotidiano das instituições e da sociedade as formas arraigadas de se lidar com a loucura” (Tenório, 2002, p. 35) – ou seja, a desinstitucionalização da loucura. Consolidam-se como foco da luta antimanicomial não somente efetivar mudanças nas práticas terapêuticas, mas na cultura, no cotidiano e nas maneiras de ver a loucura na cidade. A restauração da cidadania do louco é um dos pontos principais: “a reforma psiquiátrica é a tentativa de dar à loucura uma outra resposta social, ou seja, dar ao louco um outro lugar social” (Tenório, 2001, p. 20).

cuidado em liberdade pautado por diversas diretrizes, mas a instituição que costura as práticas manicomiais, assim como o tempo, não fica só no passado – alonga-se entre outras práticas e outros estabelecimentos, marcando presença a partir de novas composições. As cores continuam em tensão e continuamos soprando. Se um dia ouvirmos que a saúde mental já está dada é porque o emaranhado perdeu a cor e petrificou.

**[parada número três]** *Dar forma aos emaranhados é seguir o caminho de uma força que provoca, com sua presença, a invenção. No caos-emaranhado se cantarola uma musiquinha<sup>11</sup>, momento de tomar fôlego, parar e tecer linhas de sons, afetos, cheiros e emoções – isto é, criar uma morada. Escrevo para habitar uma forma-morada e cantarolar no caos, ao som das forças e dos deslocamentos possíveis que nos movimentam.*

---

<sup>11</sup> “Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua canção-zinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, era arrisca também deslocar-se a cada instante” (Deleuze & Guatarri, 1997, p. 115).

Capítulo 4

---

# O BALÃO AMARELO

A menina de cabelos trançados e vestido vermelho de flores rosas corria, carregando seu balão amarelo, como se o mundo que lhe pertencia não tivesse fim. A menina de cabelos trançados e vestido vermelho de flores rosas correu tanto e tanto, distraída com seu balão, que chegou em um mundo completamente desconhecido, escuro e assustador – desses que não se quer fazer parte ou ouvir falar. Já não conseguia mais correr, Tateava os passos como quem tem medo do que estava por vir. Ainda carregava seu balão, que sustentava a realidade de que um dia correu com um motivo por um mundo em que seus pés sabiam estar e ir. Esse novo mundo, se é que podia chamá-lo assim dadas as incontáveis rugas nos rostos de seus habitantes, a assustava, parecia mesmo velho de tantas histórias e sujeiras.

Segurando bem forte a cordinha do balão, esperando que magicamente o vento a levasse dali, perguntou ao primeiro que cruzou seu caminho onde estava, afinal. O senhor, de olhos azuis cabisbaixos tão surpreendentemente lindos apesar de carregarem tamanha tristeza, contou daquela terra sem vida, preguiçosa, cujas árvores já não davam frutos ou felicidade. Disse que também gostaria de saber onde estava, mas que aquilo era sua vida há tanto tempo que já nem sequer sabia se isso era só o que sabia ou se um dia de fato viveu fora dali ou se tudo não passava de um sonho ou se a escuridão de fato lhe pertencia. Esperança era um sentimento remotamente conhecido por ali, que definhava um tanto mais à medida em que o tempo passava. Ninguém sabia mais se isso era mesmo possível de se sentir – ou de

fazer chegar em algum lugar. Outro mundo, tal qual a esperança, parecia algo de sonho impossível de se tornar ou ter sido verdade, sonhos daqueles que nos fazem tristes ao acordar.

A menina de cabelos trançados e vestido vermelho de flores rosas estranhou – como pode tantas vidas vagando por debaixo de céu tão triste, sem lembranças das tantas cores que existem? Mas o senhor de olhos azuis bonitos e tristes é que estranhava aquele objeto que a menina segurava, parecia algo de guardar sonhos para voar bem longe. – É um balão, disse a menina. Se enche de ar e se amarra na corda. Eu estava correndo e olhando o seu contraste com o céu quando me perdi por aqui. O senhor se calou, pensando no quanto queria um daqueles. Quanto mais conseguisse encher, mais sonhos caberiam, imaginou. Mais longe iria. Quando percebeu, pensava alto ao lado da menina de cabelos trançados e contava das dores daqueles que dali não conseguiam sair. Eram vidas ensinadas a viver assim, a achar que a escuridão era o que mereciam, a não desejar, a desistir. Era um mundo de muros e fronteiras, sem cores, onde reinava a sujeira, o esquecimento, a tristeza, os limites, a ausência. Eram os esquecidos, os indesejados, as vidas que não querem viver nem serem vividas.

Era estranho, para a menina, um mundo desses em que não se pudesse correr para outro lugar qualquer. O senhor, sem conseguir tirar seus olhos belos e tristes do balão amarelo, esforçava-se ao máximo para responder as perguntas da menina, mas jurava que não se lembrava do que ela insistia em chamar de família e lar e cores. –

Eu só existo aqui. O que tu chamas de família talvez seja o que sinto por essas pessoas, que vivem a mesma dor e desistem um tanto mais quando alguém chora, mas não tenho pai nem mãe nem avó, seja lá o que isso signifique, disse o senhor, que só conseguia repetir que o seu sonho, a partir do momento que conversou com a menina, era conhecer todas as cores que ela dizia existir.

– Vem comigo!, disse a menina, ao perceber que seu vestido já não tinha cor. Já não via o mesmo tom do que quando corria com seu balão, talvez fosse noite, e já havia andado tanto e escutado tantas histórias que se percebeu cansada como nunca se sentiu na vida. A menina de cabelos trançados e vestido sem cores nem flores se sentiu perdida e esquecida. Agarrou-se em seu balão: o que está acontecendo?! O amarelo já não podia ser chamado assim, tudo parecia existir no mesmo tom de cinza, sem vida – a não ser os olhos azuis do senhor, que a olhava como se soubesse exatamente o que era perder a cor, mesmo não se recordando.

A menina e o senhor choraram, pelas cores - as conhecidas, as perdidas e as nunca sentidas. Nessa noite, choveu tanto que podia se dizer que todas as lágrimas dos mundos, até daqueles coloridos, caíam em cima de suas cabeças. Mas a menina sabia, por causa de sua mãe, que a esperança é daqueles sentimentos que não pode se desistir tão fácil. Esperança, a menina pensava. Esperança, dizia ao senhor. Esperança, gritavam.

Adormeceram em meio a tanto medo e sonharam. Foram tantos sonhos de cores e de esperança que sonharam todos os sem cores que aquele mundo amanheceu diferente. A menina e o senhor, agarrados

juntos na corda do balão, já não sentiam o chão nem os limites, somente as cores, todas elas visíveis naquele balão cada vez mais cheio de sonhos.  
– Enquanto há esperança, há vida, disse o senhor.

**[parada número quatro]** *Texto produzido em 2014, durante o Estágio Básico de Psicologia no Instituto Psiquiátrico Forense. Enquanto há esperança, há vida – dizíamos durante os acompanhamentos terapêuticos; enquanto há esperança, há vida – seguimos dizendo.*



Capítulo 5

---

**DAS LINHAS  
QUE INSISTEM:**  
*as durezas e as fugas*

**SONHE**

**Sonhos se foram**

**Mas outros vieram**

**Ir embora daqui**

**É o que mais quero**

**(Léo, 28/05/2014,**

**Instituto Psiquiátrico Forense)**

RISIONADA  
S ESTRELAS  
RESISTE!

SONHE

SONHOS SE FORAM  
MAS OUTROS VIERAM  
IR EMBORA DAQUI  
É O QUE MAIS QUERO

ASS LÉO 28-5-014

sonhar era ferramenta  
de insistir nos possíveis  
colorir era ferramenta  
de enfrentar as durezas

Venho produzindo um mapa daquilo que escapa às durezas<sup>12</sup>. Saí do estágio no manicômio judiciário buscando experiências de menos dureza – que estava atrelada a noção de um “dentro” entre muros, o “dentro” manicomial. Nomeava como dureza as presenças de um espaço que carregava mal cheiros, sujeiras e ausências e senti em mim se corporificar um cansaço – que só assim conseguia nominar, na tentativa de explicar alguns embrulhos no estômago e pesos nas costas. Entrar no manicômio judiciário era entrar num buraco do tempo. Algumas vidas cobertas por cobertores até as orelhas, outras cobertas de histórias esquecidas, algumas cobertas de esperança.

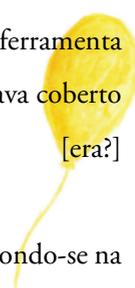
Parados num tempo de segundos que marcavam o corpo como se fossem horas, tentávamos marcar nossos corpos com o tempo de apostar no balão que segurado juntos explode em cor. A potência do acompanhamento terapêutico era até difícil de sustentar, tamanha a intensidade. Acompanhar naquele espaço de violação era sustentar

---

<sup>12</sup> “Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (Deleuze & Guatarri, 1995, p. 25).

uma denúncia, encarar alguns limites e inventar desejos. Imaginar era importante. Enfrentar uma dureza inventando um possível era importante. Pintar as paredes era importante. Brincar era importante - brincando se descobria, alguns de cobertas, outros de histórias, alguns de esperança.

brincar era ferramenta  
de dançar com o que estava coberto  
[era?]



O espaço do acompanhamento terapêutico, compondo-se na cidade, e o espaço de arte dentro do manicômio judiciário<sup>13</sup> produzem possibilidades de reconhecer e estar com a loucura de outras formas. Trata-se de constituir espaços de expressividade, onde é possível se descobrir, tanto da institucionalização que nos constitui, quanto daquilo que emerge em sentimentos, emoções, histórias. Sustentando desejos de liberdade, de autonomia, de invenção de possibilidades, produzem-se brechas por dentro do manicômio, pintam-se alguns muros sujos e sem vida - mas não todos.

---

<sup>13</sup> Oficina Cafófo, espaço de arte, clínica e política, sustentado pelo Núcleo de Estágio em Psicologia (NEP) no Instituto Psiquiátrico Forense. Espaço para brincar, pintar, cantar, escrever, conversar, rir...

**[parada número cinco]** *Aqui brinco com o tempo do verbo, porque os muros ainda estão pintados, por mais que eu não esteja mais lá. Ainda tem muita gente lá. A tinta continua colorindo paredes, mesmo que o seu entorno tenha sido afetado por tantas mudanças nos últimos anos, produzindo um efeito de duração que provoca. Brincar é ferramenta de dançar com o que está coberto.*

Ainda encarnando muros cinzas que pediam cor, senti a necessidade de experienciar a reforma psiquiátrica em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que sustenta uma prática conectada com a cidade, antimanicomial – o “fora” do manicômio. Para além dos motivos concretos que me fizeram buscar esse estágio, sentia uma intensidade difícil de nominar que me movimentou àquele canto da cidade, do lado de um grande parque, com árvores me acompanhando os passos a cada caminhada ao estágio. Lá, às vezes, brincar era coisa de criança. Cuidava-se muito para não infantilizar os usuários, mas às vezes se dizia que se eles continuassem chorando não ganhariam bolo. Quando pensei estar vivenciando uma prática fora dos muros, percebi se constituírem outros, que materializam atravessamentos manicomiais presentes nas práticas em saúde.

o caps  
que é cais  
feito pra navio abarcar, se sustentar e seguir viagem  
às vezes encapsula  
às vezes é encapsulado  
vira cápsula de remédio  
ou caixinha que não abre mais



Não à toa, as linhas que insistem da saúde mental e pedem reconhecimento desses outros muros produzidos me influenciaram para buscar experiências em práticas mais próximas da atenção básica, numa equipe de saúde mental ambulatorial cuja infraestrutura se situa numa Unidade Básica de Saúde. Esse contato provocou em mim questionamentos que compõem as linhas que iniciam e que insistem nesse trabalho. A saúde mental perpassa pela discussão de uma saúde integral, mas dela também se difere, uma vez que marca as necessárias discussões sobre a luta antimanicomial, sobre direitos humanos, produzindo uma memória acerca das práticas violadoras de direitos. Memória que se faz presente para que não se repita.

Considerando que não basta somente estabelecer serviços substitutivos ao manicômio e que se faz necessário constituir outros vínculos possíveis para a loucura no laço social, que espaço se encontra na atenção básica, na cidade, na cultura, fora dos serviços especializados, para uma saúde mental operando no cotidiano e possi-

bilitando outras maneiras de se relacionar com a loucura? Como se constrói uma rede que reconheça essa discussão em sua constituição como saúde e uma cidade que reconheça as expressões de sofrimento psíquico e de loucura como parte da vida, produzindo deslocamentos na concepção de doença? Como constituir espaços onde se permita a expressão, e não se invista na domesticação e subtração de sofrimentos ou sintomas indesejados?

o serviço encaminha  
a especialidade acolhe  
o serviço continua cuidando do pé  
porque só tem tempo pro pé  
“essas coisas da cabeça” são pra quem cuida da cabeça  
resultado: a rede fica presa no pé  
tão presa e tão longe de cabeça  
que a cabeça tropeça

Numa movimentação de forças, o cuidado em saúde mental em liberdade vem se apresentando de forma menos idealizada, menos como estrato e mais cotidiano, mais demandante de ações que potencializem a liberdade que se discute, que se constrói e que caminha junto com a autonomia, o protagonismo e a cidadania<sup>14</sup>. Não basta

---

<sup>14</sup> Fernando Tenório, em seu livro “A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica”, apresenta

que o usuário possa ir para casa, é necessário que o serviço se veja como possível agente de tutela e reproduções manicomial, para que essas forças possam estar sempre em tensão com as movimentações antimanicomial – tensão que se atualiza a cada discussão de caso, a

---

uma reflexão importante a respeito do surgimento da cidadania e pontua que a visão moderna desse conceito é contemporânea ao nascimento da psiquiatria. O sujeito de direitos é o sujeito da razão, e a desrazão é algo externo e não pertencente ao indivíduo, que deve ser evitado e controlado. Segundo Tenório (2001), foi no contexto histórico de exclusão da loucura nos planos simbólico e prático que as revoluções americana e francesa produziram a democracia e sua figura essencial - o cidadão - identificado a uma subjetividade fundada em uma razão universal. Nesse momento, é reconhecida a necessidade de regulamentar às práticas de enclausuramento nos hospitais gerais: “aos criminosos, um processo; aos idosos, um asilo de cuidados; e a quem merecesse, a liberdade” (Tenório, 2001, p. 22). Diferente dos desobedientes, aqueles que têm capacidade de conhecer o contrato social mas o descumprem, o louco é considerado incapaz de discernimento frente às normas sociais, o que colocava ainda como necessidade a reclusão. Frente a isso, constituiu-se um paradoxo: ao mesmo tempo em que a necessidade terapêutica reconhecia a cidadania do louco, ainda a limitava, por meio da exclusão. O autor aponta que o surgimento do objeto da psiquiatria – a doença mental - surgiu na emergência das práticas terapêuticas nos hospícios. Dessa forma, tratando-se da loucura uma desrazão que deve ser excluída e domesticada, o paradigma terapêutico carrega consigo a tutela, a anulação da cidadania e o imperativo da normalização (Tenório, 2001). Nesse sentido, o louco seria condenado a um lugar de negatividade. Segundo Tenório (2001), surgem duas posições: uma que leva à recusa da psiquiatria e suas instituições, por entender que sempre haverá efeitos de segregação, em alguma medida; e outra que autoriza um movimento de mudança sem o abandono da clínica, por entender que ela possibilita uma aproximação com a experiência singular da loucura. Observa-se, nesse ponto, um tensionamento entre clínica e política, no que diz respeito às práticas em saúde mental. Tenório defende que a clínica, nesse contexto, possibilita mais uma condição efetiva da cidadania do que um impedimento – o que caracteriza uma posição de reconhecer a clínica também como política. Possibilitar um espaço de acolhimento em que o sujeito possa expressar seu sofrimento e sua experiência de desrazão e de loucura, reconhecendo isso como parte de sua subjetividade, é político porque enuncia uma transformação das práticas de cuidado, corroborando com as críticas à psiquiatria e às práticas asilares. O que está em jogo, aí, é a potência de transformação da clínica.

cada intervenção inventada. Trabalhar na perspectiva da desinstitucionalização da loucura é, também, trabalhar potencializando desterritorializações desses muros demarcados, em nós, na cidade. Nesse sentido, a liberdade se constrói no fazer, nas paradas, no diálogo, na reflexão.

A partir dessas experiências, “dentro” e “fora” se destituíram dos limites dos muros de cimento para se reterritorializarem em algumas portas abertas. Dentro já não é somente um dentro que tranca vidas como um tratamento, mas um dentro que materializa a dureza de práticas que não se repensam, que não se agenciam para além do serviço especializado e que reproduzem lógicas tutelares, infantilizantes, incapacitantes. Dentro-fora perdem suas fronteiras criadas para representar uma prática manicomial *versus* uma prática antimanicomial. Dentro-fora se misturam e produzem o emaranhado de uma rede que pede circulação, conexão, diálogo – o emaranhado da saúde mental em constante produção, que quer ser, também, saúde. Questionar é importante. Repensar é importante. Estranhar é importante.

estranhar é ferramenta  
de olhar por cima do muro da lei

No encontro com as disciplinas, com a reforma psiquiátrica, com a militância da luta antimanicomial, com os saberes, com as loucuras, ou seja, no cotidiano da política pública, é que se produzem as novas maneiras de cuidado em saúde mental, que estão previstas

em lei, mas que escapam a isso nas potências e nas limitações. Nas equipes de saúde mental e nas equipes de atenção básica, produzem-se maneiras de estar com a loucura atravessadas por novas maneiras de cuidado, mas também por novas maneiras de enclausuramento. Tutela-se algumas vidas ainda consideradas desviantes, infantiliza-se outras ainda consideradas incapazes, controla-se várias que supostamente não sabem de si:

às vezes parece que vocês no olham como se a gente fosse criança  
às vezes parece que vocês nos olham com olhos que não apostam  
às vezes parece que vocês nem nos escutam  
às vezes parece que vocês dizem não e só depois pensam porquê

Nesse emaranhado dentro-fora, o balão amarelo insiste. Se foi ele que provocou um encontro, onde se produziu o balão que se enche de sonhos, não é à toa que ele se faz necessário também em espaços supostamente menos áridos. O balão amarelo faz durar o sentido do encontro que possibilita o reconhecimento da cor: os olhos azuis do senhor só são azuis porque encontram o olhar da menina. Só há cor porque há encontro. Essas cores, que explodem na aposta de um acompanhamento que produz um estar com, insistem nas paredes do manicômio, mas também nas linhas do rizoma-emaranhado, no CAPS, na ESMA, na Atenção Básica, na cidade e em tantos outros espaços. As cores se compõem em jogos de sopros e paradas, movi-

mentos que impõem sua cor a algumas ou desaparecem com outras. Contaminam-se, conforme os agenciamentos que se fazem possíveis, nas mais variadas possibilidades de composição:

os casos discutidos, rediscutidos e repensados;  
os encontros da interdisciplinaridade e a composição de opiniões  
construindo possibilidades de intervenção;  
as saídas pelas cidade, explorando o transporte público e apostando  
numa circulação compartilhada;  
a assembleia que possibilita a discussão sobre impeachment, corrupção e segurança, reconhecendo as opiniões e potencializando a participação política e social de todos(as)

*e*

o usuário que é levado pelo abrigo para o serviço de saúde mental, que senta no banco e diz não querer estar ali, que não gosta de duas oficinas das três que faz;  
a usuária que tem como parte do tratamento permanecer no serviço quase todos os turnos de todos os dias porque incomoda muito os vizinhos quando vai para casa;  
o delírio que não tem que ser escutado porque não tem mais solução;  
a usuária que é encaminhada e a única justificativa de encaminhamento do médico é “insônia”

*e*

## Capítulo 6

---

**[PARADA NÚMERO SEIS]**  
**[PARADA NÚMERO SETE]**

**[parada número seis]** *Ritornelo, em italiano, significa “pequeno retorno”, caracterizando-se como um símbolo musical que marca uma repetição. É como um refrão, que retorna em alguns momentos da música, carregando alguma diferença. Segundo Deleuze e Guatarri (1997), o ritornelo produz um agenciamento territorial: ele sempre leva terra consigo. Produzir um território<sup>15</sup> é constituir uma morada, uma terra onde se organiza um centro que sustenta os motivos territoriais<sup>16</sup> e que sempre carrega consigo, também, algum nível de desterritorialização<sup>17</sup>. Do caos se produz morada; da morada se produz novos agenciamentos<sup>18</sup> - movimentos que se misturam.*

---

<sup>15</sup> “O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’. O território é produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. (...) Um território lança mão de todos os meios, pega um pedaço deles, agarra-os” (Deleuze & Guatarri, 1997, p. 120)

<sup>16</sup> “Ora se organiza o agenciamento, se traça um território em torno do ponto, do centro. Com um centro, um crivo ou ponto no caos, tem-se a segurança mínima para que um território possa ser constituído. A busca não se dá mais por um ponto, pela única e repetitiva cançãozinha, mas sim pela construção de um espaço dimensional a ser habitado (território que se dá ao redor do ponto). Trata-se de um espaço íntimo, onde as forças do caos são mantidas numa exterioridade, criando condições para que a tarefa possa ser cumprida, para que uma obra seja realizada. Este é o segundo aspecto do ritornelo, seu componente dimensional. Aqui os ritornelos estão mais a serviço de criar e consolidar o território, já que se tem a segurança mínima para que alguns “motivos territoriais” possam ser empregados” (Costa, 2006, p. 3).

<sup>17</sup> “Ora se sai do agenciamento territorial, em direção a outros agenciamentos. É a operação das linhas de fuga, das pontas de desterritorialização que colocam o território como uma instância provisória – um território que é sempre transitório” (Costa, 2006, p. 3).

<sup>18</sup> “(...) ao mesmo tempo em que nos garante o centro, o trabalho do ritornelo faz o próprio território balançar com centros outros” (Costa, 2006, p. 7).

**[parada número sete]** *Produzir um território da saúde mental é produzir um exercício em construção, compartilhado, coletivo e corresponsabilizado. Trata-se menos de constituir algo a ser tomado como modelo de ação e mais de um território de parada e de passagem<sup>19</sup>, produtor de condições de possibilidades para o tempo do exercício em saúde mental e saúde integral e saúde (e...). O território se produz num meio de agenciamentos entre aquilo que nos insiste das práticas em saúde, aquilo que nos demanda parada, aquilo que nos coloca em reflexão, aquilo que nos habita, aquilo que nos desterritorializa. Produzir um território da saúde mental é produzir deslocamentos no tempo de acolhimento, de atendimento, de encaminhamento, de discussão – reatualizando a experiência e os pequenos retornos coletivamente. É habitar uma morada e seguir nas linhas dos agenciamentos, na desterritorialização da própria especialidade, na sua transversalização. É constituir espaços de invenção de possibilidades em relação. É produzir deslocamentos com relação à loucura na cidade, na comunidade, nas equipes de saúde, no matriciamento, na cultura, no cotidiano.*

---

<sup>19</sup> Trata-se menos de evolução do que de passagem, de pontes, de túneis” (Deleuze & Guatarri, 1997, p. 131).

## Capítulo 7

---

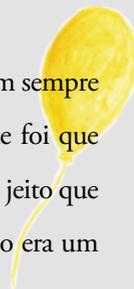
**[PARADA NÚMERO OITO]**

## [parada número oito]

João – ou Joãozinho, como costuma ser chamado - nem sempre foi assim. Sua mãe, Dona Dalva, hoje diz: sabe-se lá onde que foi que errei e sabe-se lá porque deus quis assim, mas sempre fiz tudo do jeito que tinha que ser. Lá pelas tantas, não foi mais suficiente. Joãozinho era um menino esperto, criativo, curioso. Estava sempre de um lado para o outro criando aventuras. Conversava com tudo que é vizinho, tinha sempre na ponta da língua um “por quê?” – às vezes nem querendo ouvir a resposta. A vizinhança das ruas, casas e animais também lhe interessava. Dona Dalva até se envergonhava, mandava o menino para dentro de casa, onde já se viu incomodar assim. No fundo, sentia orgulho, o futuro reservava algo especial pra Joãozinho. Dona Dalva sabia.

Por vezes, se entristece ao lembrar dessa certeza. O mundo deu uma reviravolta tão grande que aquele Joãozinho criativo e curioso já pareceu nunca ter existido.

*Sua avó sempre dizia que essa história de que sabe melhor quem vê as coisas de fora é mentira. Ela até entendia a necessidade de ter calma às vezes, mas sempre reforçava que é ilusão acreditar que ela nos dá neutralidade. A avó defendia até faltar saliva que quem sabe mesmo é quem está dentro, quem vive e quem sente todas as turbulências que o atingem. Turbulência, ela repetia, não significa necessariamente estar atormentado, sem possibilidade de ação. Significa ter presente em si as coisas que nos movimentam – senti-las e*



*não expulsá-las. Ele nunca entendeu e sempre questionou. Parecia óbvio que quem está na calmaria da vista distante sabe tomar melhores decisões. A avó insistia: maldito seja quem inventou que a turbulência nos tira a razão.*

*Quando ele disse que preferia estar de fora para não ver aquela situação acontecer, a avó ficou feliz por ele ter, finalmente, entendido. De fora, não se vê.*

João não lembra se sempre foi chamado assim, no diminutivo, inho, mas lembra bem que esse inho teve mais ênfase ao longo do tempo. Era como se quanto mais força o inho tivesse, mais se reafirmava a sua dependência. Ele não concordava, mas nunca ninguém perguntou. João achava engraçado quando os profissionais que o atendiam o chamavam da mesma maneira. Afinal, seu nome era João e tinha 30 anos. Ainda assim, não parecia conseguir encontrar um lugar que reconhecesse isso. Sem querer ser injusto, pois ali João era tratado como um adulto (salvo algumas situações), mas a insistência do inho como definidor de sua existência lhe incomodava. Ninguém nunca perguntou se gostava de ser chamado assim. Também nunca teve a ousadia de corrigir ninguém, não era confortável. João, no fundo, acabou aceitando aquilo que a vida trazia.

Como toda quarta-feira à tarde, foi ao serviço participar da oficina de desenho. Desenhou uma casa – ou um carro, não se recorda. Como de costume, desenhava essas coisas fáceis, de linhas simples, não levava jeito para aquilo. Naquele dia, a coordenadora da oficina perguntou se ele não poderia desenhar outra coisa, disse que seus desenhos eram

muito repetitivos. João não entendeu muito bem na hora, só soube dar um riso frouxo e dizer que não sabia por que só desenhava casa e carro. No caminho de casa, passando por todas as casas e carros na rua, lembrou de quando não conseguia sair de casa desacompanhado. As viagens eram hoje lembranças nebulosas – na companhia da mãe, parece que nunca conseguia prestar atenção em nada ao redor, a não ser no passo de seus pés. Quando começou a ir sozinho ao serviço, encantou-se com as casas, as cores, as varandinhas e os cachorros, as plantinhas nas sacadas e os carros apressados. Era tanta coisa acontecendo que seu olhar quase não acompanhava. Acostumou-se e, hoje, repara que até os cachorros parecem ter se acostumado.

Chegando em casa, percebeu uma borboleta amarela rondando-o. Na próxima oficina tentaria desenhá-la.

*O buraco é fundo e escuro. O buraco é fundo, escuro e sem escadas. No máximo, uns pedregulhos onde se pode tentar apoio para subir – nada muito seguro. Tem sujeira, terra e baratas. Ele tenta tanto subir que se machuca cada vez mais. Às vezes parece que o sol lhe faz uma visita, mas ele já nem sabe se não é coisa da sua cabeça. Parece que tudo é coisa da sua cabeça. Será que o buraco também é coisa da sua cabeça?*

*Ele nem sempre foi assim. Já perdeu a noção do tempo - esse tempo cronológico da vida que se conhece. No buraco o tempo é outro. Ele lembra de um dia ter sido diferente, um pouco mais vivo, um pouco menos difícil. Hoje ele passa segundos, minutos, horas nesse outro tempo – ou são os segundos,*

*minutos e horas que passam por ele. É como se o tempo lhe atravessasse as entranhas e lhe dissesse, baixinho, por dentro do corpo, “te acostuma que aqui as coisas não mudam”. Culpou a avó, que lhe dizia que só de dentro se vê as coisas. Ele queria estar de fora para não ver. Era um buraco essa tal turbulência – e isso não devia lhe pertencer. Queria estar de fora para não sentir. Se o céu aparecesse daqui seria mais tranquilo, pensava.*

Dona Dalva se lembra com exatidão do momento em que percebeu que o filho não caçava mais tesouros. Sentiu até saudades do tempo em que se irritava com a insistência dele em inventar bichos nos sofás de casa. Parecia coisa de louco. Ainda bem que ele era só uma criança. Não esperava que aquela incrível capacidade de imaginação que, no fundo, admirava, pudesse um dia se tornar, realmente, loucura.

Lembrou da história de sua avó, que passou a vida internada num manicômio. Um dia, quando seus pais finalmente acharam que tinha idade suficiente, a visitou. Lembra como se fosse agora o momento em que olhou nos olhos da avó e não a encontrou. Teve muito medo que isso acontecesse com seu filho. Hoje pensa que nenhuma idade é suficiente para ver tamanho sofrimento.

Não foi com facilidade que assistiu seu Joãozinho ser internado pela primeira vez. A imagem dos olhos da avó insistia, mas não sabia mais o que fazer.

*A avó insistia. O tempo da turbulência é outro. É preciso tempo para lidar com o tempo da turbulência. É preciso se permitir acompanhar pelas coisas do mundo, pelas coisas em nós, pelas coisas que insistimos em dizer que não nos dizem respeito. O tempo da turbulência é o tempo de acolher o que nos atinge – e fazer algo com isso.*



João sentiu um misto de alívio e medo quando começou o tratamento fora da internação. Sabia que não queria mais ser internado, mas também sabia que precisava de ajuda. Aquele era um serviço que o permitia ir para casa e ali encontraria um espaço que talvez lhe ajudasse a nunca mais chegar no extremo da internação. Entendia que aquele era um local diferente dos que passou, mas achava estranho ver algumas ações semelhantes por parte dos profissionais - pareciam as que vivenciou na internação.

Um dia, um dos guardas chamou Bruno, um amigo de João, de louquinho – bem de canto, com risadinhas, assim como faziam no hospital. Queria ter dito algo, mas não conseguiu. Perguntou ao Bruno o que ele achou da situação e, sem surpresas, descobriu que ele se sentiu incomodado, impelido a dizer algo, mas também não conseguiu. Conversaram bastante sobre as vezes que sentiram olhares de repulsa e estranhamento em sua direção, nas internações, no posto de saúde, como se eles fossem pessoas de outro mundo. No serviço isso parecia quase distante, mas às vezes, infelizmente, acontecia. Concordaram que havia momentos que sentiam um pé atrás dos outros quando se tratava de reco-

nhecer a capacidade dos pacientes. Bruno, por exemplo, ouviu de um dos profissionais que ele não teria capacidade de trabalhar. Por muito tempo não teve, mas hoje tem conseguido.

Com isso, se deram conta de que esses acontecimentos provavelmente não são particularidades da vida deles, somente. Combinaram, juntos, que na próxima assembleia iriam levantar a questão para conversar com os outros participantes e ver se eles também se sentem dessa forma ou se já passaram por isso. Combinaram, também, que da próxima vez iriam responder. Nem que seja para dizer que a loucura faz parte de todo mundo, brincaram.

*Quanto mais brigava com a ideia da avó, mais ela se fazia presente. Foi assim, experimentando a turbulência junto com ela, que ele entendeu que ninguém se mantém na turbulência sozinho. Parece que a avó cavou um buraco ao lado até o ponto de chegar no dele, só para lhe dizer de novo, de pertinho, que tudo isso é parte de nós. Não é alguém que sustenta a turbulência. Ela se sustenta com alguém, no compartilhamento. Quando ele se permitiu acompanhar no caos, conseguiu sair do buraco. Acabou descobrindo que o buraco é que não sai dele. A turbulência sempre tem um tanto de buraco, mas é nós que devemos carregá-lo. A avó tinha razão, é difícil acolher a turbulência, é preciso tempo. Experimentando junto com as coisas do mundo e não as transformando em coisas que não se sabe ou não se vê ou não se quer ou não se diz é que a gente encontra maneiras de viver a turbulência. Ele, por exemplo, pintou o céu que foi se abrindo pelo buraco.*

---

# **RITORNELOS**

*(ou pequenos retornos)*

“A invenção dos possíveis na dureza do impossível - da utopia em forma de Balão que faz voar” - trabalho da disciplina de supervisão de Estágio Básico, 2014 *e*

"O que é escrever para mim" – escrita para a disciplina de supervisão de estágio de Ênfase em Processos Clínicos, 2015 *e*

a leitura e a discussão sobre o Ritornelo na disciplina Estudos em Psicologia II, 2015 *e*

“Cartografando a saúde mental no emaranhado de forças de seus dentro e fora” – trabalho da disciplina Psicologia Social e Políticas Públicas, 2016 *e*

pintura-poema-experimentação “O emaranhado” – trabalho da disciplina Práticas Analítico-Institucionais, 2016 *e*

o percurso de estágio pelo IPF, pelo CAPS e pela Equipe de Saúde Mental, 2014, 2015, 2016 *e*

a insistência da escrita criativa fazendo sentido nas minhas experiências, desde meados de 2004, quando escrevi meu primeiro livro chamado “Sombras no cemitério” *e*

a insistência das composições escritas, afetivas e estéticas que se deslocam do instituído da Universidade *e*

as tintas de aquarela, que vêm me acompanhando em brincadeiras, desde meados de 2014 *e*

---

# **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Bedin, D. M., & Scarparo, H. B. K. (2011). Integralidade e saúde mental no SUS à luz da teoria da complexidade de Edgar Morin. *Psicologia: teoria e prática*, 13(2), 195-208. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872011000200015&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200015&lng=pt&tlng=pt).

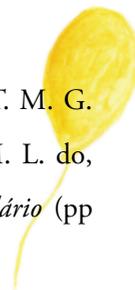
Bondía, J. L. (2004). A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, 29(1), 27-43.

*Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.* (2011). Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União 2011; 26 dez. Sala de Apoio à gestão Estratégica. Recuperado em 30 de outubro, 2016, de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088\\_23\\_12\\_2011\\_rep.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html).

Brasil (2013). *Caderno de Atenção Básica: Saúde Mental*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental– Brasília: Ministério da Saúde.

Costa, L. A. (2014). O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal, Rev. Psicol.*, 26 (n. esp.), 551-576.

Costa, L. A., Angeli, A. do A. C. de, & Fonseca; T. M. G. (2012). Cartografar. In Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L. do, & Maraschin, C. (orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário* (pp 45-48). Porto Alegre, RS: Sulina.



Costa, L. B. (2006). O ritornelo em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. *Anais II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências, 27 a 29 de setembro de 2006*. – Santa Maria: FACOS-UFSM. Recuperado de <http://coral.ufsm.br/gpforma/2se-nafe/PDF/005e2.pdf>.

Deleuze, G., & Guatarri, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Rio de Janeiro, RJ: Ed.34.

Deleuze, G., & Guatarri, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4*. São Paulo, SP: Ed.34.

Dias, R. O. (2012). Imaginar. In Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L. do, & Maraschin, C. (orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário* (pp 127-130). Porto Alegre, RS: Sulina.

Foucault, M. (2003). *História da sexualidade 2; o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.

Kastrup, V. (2012). Inventar. In Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L. do, & Maraschin, C. (Orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário* (pp 141-143). Porto Alegre, RS: Sulina.

Kastrup, V. (2012). Vistualizar/atualizar. In Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L. do, & Maraschin, C. (Orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário* (pp 245-246). Porto Alegre, RS: Sulina.

Passos, E., & Barros, R. B. (2015). Por uma política da narrativa. In Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs). *Pistas do método da cartografia* (pp. 150-171). Porto Alegre, RS: Sulina.

Saramago, J. (1998). *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Tenório, F. (2001). *A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro, RS: Rios Ambiciosos.

Tenório, F. (2002). A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 9(1), 25-59. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n1/a03v9n1.pdf>

Zanella, A. V. (2012). Escrever. In Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L. do, & Maraschin, C. (Orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário* (pp 89-91). Porto Alegre, RS: Sulina.



